

# Você prefere que seu filho seja inteligente ou esforçado?

Gustavo Ioschpe

É difícil e trabalhoso criar filhos para que sejam felizes, sérios e realizados. Já estraga-los é tarefa mais fácil. Há várias maneiras de transformar uma criança promissora em um adulto miserável. As mais comuns têm a ver com o desamor, a repressão, a agressividade e o rigor excessivo com que muitos pais tratam os filhos. A reação a essas falhas históricas causou o problema oposto: uma vontade dos pais, nas últimas gerações, de aumentar a autoestima filial de qualquer jeito. Em inglês, em italiano e francês, a palavra mimar significa estragar. É possível também arruinar o futuro de uma criança de maneira muito amorosa, com a melhor das intenções. Veja experimentos a seguir, conduzidos pela psicóloga de Stanfoprnd Carol Dweck (disponíveis em [twitter.com/gioschpe](https://twitter.com/gioschpe)).

Dweck e colegas trabalharam com algumas centenas de crianças americanas de 11 anos. Todas elas precisaram fazer um teste de inteligência.

No primeiro teste, as crianças deveriam resolver dez problemas de dificuldade média. Depois que elas terminavam, o experimentador corrigia o exame e dizia a cada uma delas: “Uau, você foi muito bem nesses problemas! Acertou [x] questões. Essa é uma pontuação muito alta!”. Essa frase foi dita a todas as crianças, independentemente do seu desempenho real: as crianças ouviram um [x] igual ou superior a oito. Na etapa seguinte, elas ouviam mais uma frase, e é aqui que o experimento começa a ficar interessante. Um grupo de crianças, escolhido aleatoriamente, recebia um elogio ao seu esforço: “Você deve ter trabalhado duro para resolver esses problemas”.

Um terceiro grupo não ouviu nada além da informação sobre sua pontuação.

Depois dessa primeira rodada, o experimentador perguntava que tipo de problema a criança queria resolver, dando a ela quatro opções. Uma delas tinha o objetivo de aprendizado (“problemas com os quais eu aprenderei muito, mesmo que não aparente ser muito esperto”), enquanto as outras três tinham como objetivo mostrar sua habilidade (“problemas que sejam fáceis, para que vá bem”). Independentemente do que cada criança escolhia, todas elas receberam uma segunda batelada de dez problemas – desta vez com um nível de dificuldade bem mais elevado.

Os experimentadores então diziam às crianças que elas tinham ido muito mal nessa segunda rodada, acertando menos da metade dos problemas (mesmo que, na verdade, elas tivessem acertado mais do que isso). Depois de receberem esse “feed-back” negativo, as crianças respondiam se queriam continuar a resolver problemas, quanto gostavam de resolve-los, que autoavaliação faziam e como explicavam o seu desempenho. Finalmente, as crianças precisavam resolver um terceiro grupo de dez problemas. Essa última batelada de perguntas tinha o mesmo nível de dificuldade do

primeiro grupo de problemas. Então os pesquisadores tabularam os resultados, tanto do desempenho nos exercícios quanto nas perguntas finais.

O incrível desse experimento e de outros semelhantes é o enorme impacto que uma simples frase teve no comportamento das crianças. Aquelas que receberam elogio por sua inteligência atribuíram seu desempenho ao seu talento, enquanto as que receberam elogio por seu esforço atribuíram seu resultado a quão duro haviam trabalhado. O tipo de problema que as crianças optaram por resolver nas etapas seguintes também foi significativamente influenciado pelo comentário do experimentador: 67% daquelas que receberam elogios por sua inteligência preferiam trabalhar em problemas fáceis que lhes permitissem continuar parecendo inteligentes, enquanto 92% das elogiadas por seu esforço queriam problemas em que pudessem aprender mais. As crianças elogiadas por sua inteligência explicaram seu desempenho em termos de habilidades fixas, enquanto aquelas elogiadas por seu esforço o explicaram em termos da intensidade de energia que devotaram aos problemas. Como o talento é fixo, mas o esforço é mutável, as crianças que atribuíram seu sucesso ao talento sofreram um baque quando fracassaram. Elas perseveraram menos nos problemas e declararam gostar menos de resolvê-los do que aquelas elogiadas por seu esforço.

Agora eis aqui a parte mais interessante e preocupante. Na primeira batelada de problemas, as crianças dos três grupos tiveram um desempenho indistinguível. Já na terceira rodada, depois que elas passaram pelos elogios da primeira e pelo fracasso na segunda, as diferenças foram marcantes.

As crianças que não receberam elogio algum tiveram uma leve melhoria no acerto, de 0,13 pergunta. As crianças que receberam elogios por seu esforço tiveram uma melhoria significativa, de 1,21 pergunta. Aquelas elogiadas por sua inteligência tiveram um decréscimo significativo, de 0,92 pergunta.

Uma mísera frase de um experimentador desconhecido fez com que o desempenho das crianças tivesse uma variação de mais de 20%. Imagine o efeito cumulativo de um tratamento semelhante feito por alguém que uma criança ama e admira, como os pais ou, em menos escala, os professores.

Acho incrível a quantidade de pessoas que, vindas de famílias estáveis financeira e emocionalmente e tendo cursado boas escolas, não realizam nada de significativo na vida. Passam a carreira inteira sem gostar do que fazem, em empregos que não oferecem riscos, sempre dizendo querer fazer outra coisa. São focadas não em chegar ao seu máximo, mas em evitar o fracasso, a dor, a frustração. Para alguém que teve seu desempenho atribuído ao talento – e não ao esforço –, o fracasso significa o desmonte da autoestima, e é evitado a todo custo.

Lembrei-me também de outro experimento, conduzido por Dan Ariely, em que homens de meia-idade deviam colocar a mão em uma bacia de água pelando. Precisavam então identificar quando começavam a sentir dor. Ariely mediu também quanto tempo cada um deles conseguia deixar a mão submersa. Os homens em questão faziam parte de um clube para feridos do Exército israelense, classificados em dois grupos: o daqueles que passaram por dor moderada (quebrar um cotovelo, por exemplo) e o dos que tiveram de lidar com dores muito fortes e duradouras (vítimas de minas). Aqueles que tinham

experimentado a dor forte, mesmo que décadas antes, demoraram o dobro do tempo para dizer que sentiam dor e deixaram a mão na água quente pelo dobro do tempo dos que passaram por dor moderada. Nietzsche tinha razão: o que não mata fortalece.

É claro que não estou aqui sugerindo que voltemos ao passado tenebroso em que os pais faziam da vida dos filhos um calvário sob desculpa de os estarem “preparando para a vida”. Mas parece claro que, com toda a cascata de elogios, mensagens na autoestima, “é um gênio!” pra lá e pra cá, estamos prestando um desserviço aos nossos filhos (e alunos) e criando uma geração de fracos. É justo e elogiável que pais queiram preparar os filhos para o sucesso. Mas lidar com o sucesso é relativamente fácil. Se queremos que nossos filhos realizem todas as suas potencialidades – e busquem sempre aumentá-las – , precisamos mesmo é prepará-los para o fracasso. O segredo não é evitar a queda, mas conseguir se levantar. E seguir a caminhada.

Fonte: Revista Veja, edição 2383 – 23 de julho de 2014, páginas 90 e 91.